

Ensaio sobre um processo histórico da psiquiatria(**)

JOÃO C. AZEVEDO E SILVA (*)

2.º Estudo — A Psicanálise; tentativas de localização histórica da Psicanálise

I — INTRODUÇÃO

Já vimos que em traços gerais a Psicanálise representa, na história da Psiquiatria Geral, uma das formas de reacção à rigidez Kraepeliniana da psiquiatria oficial e ao estaticismo Fenomenológico⁽¹⁾; do ponto de vista histórico-social ela está ligada à impossibilidade de mascarar por mais tempo os movimentos profundos que revolviam a sociedade europeia de então.

Procuraremos entrar na sua intimidade própria para que se torne possível compreender estas afirmações e para tal abordaremos sucessivamente:

- II — Localização histórica, sumária, de Viena
- III — Biografia de Freud
- IV — A Psicanálise, propriamente dita (raízes histórico-sociais).

(*) Chefe de Clínica do Hospital Miguel Bombarda. Membro da S. Grupo-Análise e da Soc. Port. de Psicanálise.

(**) Estes dois estudos são o complemento do trabalho publicado pelo autor no n.º 3, Série I, de *Análise Psicológica*.

(1) Ver o pensamento de Jaspers quanto à posição da fenomenologia em psiquiatria.

II — VIENA

Capital da actual República Austríaca era, à data, a capital do Império Austro-Húngaro, que desde 1273 até 1918 se manteve sob o controlo dinástico dos Habsburgo; foi uma verdadeira encruzilhada onde se encontraram e chocaram as mais diversas culturas: Indo-Germânicas (Idade da Pedra), Romana, Germana, Huna (Átila residiu aí por algum tempo), Longubarda, Bávara, Ávara, etc., cada um destes povos expulsando os ocupantes anteriores. Os Ávaros foram expulsos por Carlos Magno que fundou a Marca Austríaca, primeiro núcleo da futura Áustria; até que — através da conquista dos Magiares, etc. — Rodolfo de Habsburgo foi eleito rei germânico em 1273 instaurando-se a dinastia já referida que viria a acabar em 1918, para a Áustria.

As invasões, ocupações e ataques não terminariam: em 1683 os turcos, chefiados por Mustafá (o Negro) punham em perigo a cidade; em 1700 de novo os turcos sitiavam a cidade, depois os revoltosos húngaros apoiados pelos franceses, ainda os Kurutzen (cavaleiros magiares), etc. «No resto do século XVIII, Viena não é cenário de acontecimentos de marcada importância...» (*Enc. Port.-Bras.*). Mais tarde Viena é duas vezes

ocupada pelos franceses sob o comando de Napoleão que aí fez quartel-general (1805 e 1809). Seguem-se guerras com a Bósnia e a Herzegovina (fazendo parte do império e revoltadas) sendo mesmo o atentado contra o arquiduque Francisco Fernando, donde resultou a sua morte, em Serajevo, capital da Bósnia, no dia 28 de Junho de 1914, a causa próxima da guerra de 14-18: atentado este que foi levado a cabo por um estudante com a cumplicidade de sérvios.

Segundo a *Enc. Port.-Bras.* os seus habitantes actuais têm um temperamento alegre, mesmo exuberante; não têm o culto da força bruta e são mais dominados pela intuição do que pelos conhecimentos adquiridos e elaboração conceptual das suas experiências. Nelles — para a enciclopédia citada — é saliente a «ausência dum nacionalismo exclusiva e, consequentemente, a não existência de qualquer animosidade contra os estrangeiros»; problema este que não foi sentido pelo jovem Sigmund Freud da mesma forma uma vez que Freud se pensou rechaçado da vida pública e de integração social pelo facto de ser judeu em Viena (E. Jones e outros).

A cultura dominante era o meridional e a religião com maior número de adeptos a católica; segundo a enciclopédia citada a cultura germânica só começou a fazer sentir a sua influência por volta de 1750 pois que «até então era de carácter exclusivamente meridional».

Uma outra característica cultural era o interesse pela música, que se desenvolvera de modo invulgar em Viena e de forma bem diversa, por exemplo, do desenvolvimento que ali tinha a escultura e mesmo a arquitectura (não obstante os edificios grandiosos). Também o interesse pela medicina era uma característica cultural importante pelo que Viena foi mesmo designada como «a cidade dos médicos» não só pelo respeito em que era tida esta classe profissional como até pelo seu extraordinário número e categoria (numa estatística recente exis-

tiam ali «um médico para cerca de 350 habitantes» — *Enc. Port.-Bras.*).

Governada por regimes totalitários, Viena foi sede de actividades sociais várias: assim o médico holandês G. Van Swieten, chamado a Viena em 1745, por Maria Teresa, compreendeu a importância dos aspectos sociais da medicina e pôs «em prática algumas obras de assistência social».

Noutro plano e muito mais tarde — em Março de 1848 e sob a influência da Revolução francesa do mesmo ano — estalou na cidade uma revolta «obra de intelectuais, estudantes e de elementos da pequena *burbuesia*»; tendo o imperador abandonado a cidade, o governo não resistiu e os revoltosos, armados, criaram várias instituições de cunho democrático tais como a Legião Académica e o Comité Central para a Defesa dos Direitos do Povo que passam a governar a cidade, recebendo apoio da massa populacional. No entanto, dois generais que subjugavam uma série de revoltas estaladas no império, assediaram Viena, entraram na cidade, declararam o estado de sítio e os conselhos de guerra condenaram à morte os chefes do movimento». Viena passou a viver num ambiente de terror, o regime tornou-se ainda mais absolutista e centralista «resultando inúteis, dada a oposição do imperador, todas as tentativas dos vienenses para intervirem na administração da cidade».

«No entretanto a situação financeira agravava-se de tal forma que, a 9-V-1873» — tinha Freud 17 anos e encontrava-se a braços com a escolha duma carreira, tendo entrado para a universidade em Outono desse mesmo ano (E. Jones) — nesta data, dizíamos «dava-se em Viena o *krach* mais sensacional do século, privando das suas economias milhares de pequenos depositantes e enchendo-os de um profundo ódio contra os financeiros e os grandes capitalistas.» Seguindo sempre a *Enc. Port.-Bras.* «estas e muitas outras causas criaram em Viena, o clima propício ao desenvolvimento das ideias socialistas. Iam defrontar-se na capital duas cor-

rentes que posteriormente se estenderiam a toda a Áustria: o socialismo de Marx, que deu origem à fundação do partido social-democrata por Adler, e o socialismo cristão que levou à organização do partido cristão-social por Lueger. Este conseguiu atrair a si uma grande massa de descontentes que aspiravam a uma sociedade onde reinasse mais justiça, mas a quem o socialismo marxista repugnava. Lueger foi quatro vezes eleito para a Municipalidade de Viena mas outras tantas vezes o Imperador (Francisco José I) se recusou a ratificar a eleição pois tinha um horror inveterado a tudo quanto representasse progresso social ou pudesse, na sua ideia, suscitar luta de classes. Contudo, quando da quinta eleição (1890) Francisco José viu-se constrangido a ceder!» (*Enc. Port.-Bras.*). Lueger desenvolveu uma grande obra social fazendo mais do que prometera «o que lhe granjeou a confiança e gratidão dos vienenses. Desde então até à derrota dos Impérios Centrais na Primeira Grande Guerra, derrota que acarretou, com o desmembramento do Império Austro-Húngaro e a queda dos Habsburgos, a proclamação da República Austríaca, Viena não foi teatro de acontecimentos notáveis.» (*Enc. Port.-Bras.*)

Francisco José I reina; Lueger é, como vimos, eleito quando Freud tem 34 anos e inicia o uso terapêutico do método catártico. Viena vê nessa data, com a incorporação dos arrabaldes passar a sua população de 828 000 habitantes para 1 365 000 (sensivelmente a população de Lisboa actual).

É neste ambiente que Freud se cria e vai viver uma grande parte da sua vida; por isso mesmo tentarei sintetizar em recapitulação:

Viena de então é o ponto de encontro da cultura meridional (o sangue italiano abunda na população) com a cultura germânica. Capital do grande império Austro-Húngaro está já, no entanto, a caminho da decadência como potência imperialista; de facto as diferentes províncias do Império estão agi-

tadas, o *krach* financeiro de 1873 dá o sinal para a organização de grupos socialistas que são a expressão de lutas intestinas sociais.

Sobre este conjunto reina Francisco José, descontente no seu casamento, descontente com o arquiduque herdeiro, absolutista e «com horror inveterado a tudo quanto representasse progresso social» (sic., *Enc. Port.-Bras.*). Francisco José que tenta manter a todo o custo um clima de revivência superficial «dos bons tempos» como comenta Arnold Hauser nos seguintes termos: «Foram necessárias as experiências dos últimos dez anos para provocar uma revisão da ideia dos «bons tempos», ligada em uma parte da Europa com Napoleão III e Offenbach, e noutra, com o Imperador Francisco José I e Johan Strauss. A luta de classes que entre 1848 e 1870 fora suprimida por toda a parte, ateou-se de novo no fim deste período e ameaçou o domínio da burguesia como beneficiária da reacção. A opereta parecia agora dar o quadro duma vida feliz, descuidada e sem ameaças de perigo — de um idílio que, no entanto, nunca na realidade tinha existido» (sic., *Hist. Soc. da Arte e de Cultura*, A. Hauser).

Viena da época é pois a capital dum império em vias de se degradar, onde o grupo dominante procura criar uma fachada de reviver «bons tempos» que nunca tinham existido e é roída profundamente por graves lutas. Há uma moral Victoriana — rígida, bem delimitada, idílica — na superfície, orientada por conceitos bem claros e racionais, mascarando movimentos convulsivos de raízes profundas (em Viena de então parece que a moral não era propriamente vitoriana no sentido tão rígido que é costume atribuir ao conceito; havia uma sofisticação mais artificiosa onde a representação vitoriana casava com uma certa superficialidade erótica; no entanto o paternalismo e um machismo superficial não deixavam de estar presentes na fachada que o grupo dominante pretendia construir).

III — FREUD; BIOGRAFIA (1856-1939)

Freud nasceu em 1856, na pequena cidade de Freiburg (Morávia) no território da actual Checoslováquia. Pertencia a uma numerosa família judaica tendo os seus ascendentes paternos vivido muitos anos em Colónia; por volta do século XIV ou XV teriam emigrado para Este fugindo a perseguições; no século XIX, através da Lituânia Galitzia, vieram fixar-se na Áustria. Freud tinha quatro anos quando os pais se instalaram em Viena «cidade em que segui todos os graus da minha instrução» diz o próprio na sua autobiografia.

O pai de Freud foi um comerciante não muito empreendedor, de situação económica modesta e mentalidade primitiva; casado por duas vezes deu a Freud 8 ou 9 irmãos, os dois mais velhos com cerca de vinte anos mais e o mais novo com menos 10 anos que Sigmund. A mãe, segundo E. Jones, era de natureza alegre e apaixonada e dela Freud teria herdado a sua capacidade para se entusiasmar (segundo Jones). A família tinha uma marcada tradição judaica e, seu bisavô e avô paternos foram rabis.

Como estudante no Gynnasium (equivalente ao nosso liceu) Sigmund Freud foi durante sete anos um dos primeiros alunos; as suas fantasias da juventude levaram-no a desejar seguir a carreira militar (quando mais tarde foi chamado para manobras não se sentiu ali nada bem) e a carreira política. No entanto um certo ostracismo que pesava sobre os Judeus de Viena, depressa o afastou dessas pretensões. Aos 17 anos (1873) entrou para a Universidade tendo escolhido a carreira médica sem que para isso sentisse especial inclinação ou gosto. A atitude dos seus colegas para com os Judeus fê-lo sentir-se empurrado para uma situação de inferioridade contra a qual sempre reagiu, acabando por se equiparar a um estrangeiro, sem nacionalidade, pensando que «para um zeloso trabalhador sempre haveria um lugar, por pequeno que fosse, nas filas da humani-

dade trabalhadora, ainda que não se achasse integrado em nenhum dos grupos nacionais. No entanto estas primeiras experiências universitárias tiveram a consequência importantíssima de acostumar-me, desde o princípio, a figurar nas filas da oposição e fora da «maioria compacta», dando-me uma certa independência de raciocínio». (Freud, *Autobiografia*, 1925. *Obras Completas*, Ed. Esp.)

Faço notar aqui esta posição particular de Freud, isolando-se dos grupos com quem de facto lidava para se associar a um conceito mais abstracto de Humanidade; na realidade podia ter ensaiado uma relação com esses grupos, numa tentativa de imposição de direitos, mas preferiu antes um certo isolamento que vai talvez sentir-se em toda a sua teoria psicanalítica pouco centrada na relação e se fez sentir também na crença de Freud sobre a imparcialidade da ciência, que o leva a exclamar, em 1915, no seu artigo «A nossa decepção perante a guerra»: «Até a própria Ciência perdeu a sua imparcialidade desapaixonada! Os seus servidores profundamente irritados, procuram extrair dela armas com que contribuir para o combate do inimigo.»

Os estudos universitários de Freud foram bastante dispersos. Interessou-se pela filosofia de Brentano (segundo E. Jones) tendo seguido regularmente um curso de Filosofia; interessou-se pela literatura, especialmente Goethe e, através deste, tomou contacto com os clássicos da Roma e Grécia antiga; estudou e aprendeu Espanhol tendo lido *D. Quixote* na própria língua. Parece ter sido influenciado por Helmholtz (iluminista) e o próprio Freud refere haver certo paralelismo entre algumas das suas ideias e as de Schopenhauer («o qual não só reconheceu a primazia da afectividade e a extraordinária significação da sexualidade, como também o mecanismo da repressão» mas cujas teorias Freud ignorou pois nunca leu Schopenhauer «a não ser numa época já muito avançada da minha vida» — *Autobiografia*); encontra também certa relação com Nie-

tsche «outro filósofo cujos presságios e opiniões coincidem com frequência dum modo surpreendente com os laboriosos resultados da psicanálise (e que) evitei ler durante muito tempo pois mais do que a prioridade importava conservar-me livre de toda a influência» (*Autobiografia*); recusa qualquer influência de Pierre Janet (pelo menos nos anos tardios).

Freud teve uma larga experiência de investigação quer no campo da histologia, como no da neurologia mas, segundo David Rapaport, «embora treinado na discussão e na observação microscópica não tinha treino em métodos experimentais». A teoria de Darwin e o estudo *A Natureza* de Goethe tiveram, segundo a sua própria afirmação, particulares influências sobre ele. Também as teorias de Hughlings Jackson, diz Rapaport assumiram importância para Freud, com a sua noção de sistema nervoso hierarquizado e topograficamente sobreposto, estrutura por estrutura. Os seus antecedentes judaicos puseram-no em contacto com a Bíblia, onde as interpretações de sonhos, incesto, etc., surgem frequentemente. Charcot com os seus estudos da histeria e hipnose, a escola de Nancy mais tarde e os estudos de Breuer sobre a histeria e o hipnotismo foram também aspectos importantes da sua formação. Quanto aos seus conhecimentos de filosofia materialista dialéctica continuam a ser, pelo menos para mim, uma incógnita e a sua frase «sucederá-nos pois como aos químicos quando comprovaram que as grandes diferenças qualitativas dos produtos se reduzem a modificações quantitativas nas proporções da combinação dos mesmos produtos» (*Autobiografia*). não é suficientemente esclarecedora.

Antes pelo contrário, a sua surpresa perante a guerra (14-18) e as suas noções bastante elementares sobre o significado dos Estados e governos, o seu comentário «Estávamos pois preparados para que a Humanidade se visse ainda por muito tempo envolta em guerras entre os povos primitivos

e os civilizados, entre as raças diferenciadas pela cor da pele e inclusivé entre os povos menos evoluídos ou involuídos da Europa. Mas que as grandes nações de raça branca, senhoras do mundo, às quais corresponde a direcção da Humanidade...» (se fizessem guerra); esta frase parece revelar uma marcada incompreensão do significado da guerra de 14-18, tal como aliás a noção que tinha de que se vivia em paz e tranquilidade, pouco antes do estalar daquele conflito (vejam-se comentários à guerra de 1914-1918)⁽²⁾. Tudo isto — e muitas outras referências podia fazer — me leva a crer que Freud não tinha uma noção materialista dialéctica da história, nem uma compreensão clara das classes sociais e do papel da luta de classes nas sociedades modernas industrializadas de modelo «ocidental-capitalista» não obstante o ruído que o trabalho de Marx-Engels e os movimentos socialistas faziam então.

Gostaria de vos descrever ainda várias características de personalidade e certas facetas da vida de Freud, mas não podendo alongar-me indefinidamente, alguns tópicos servirão para o localizar.

Um primeiro aspecto importante foi o facto de Freud ser judeu, numa sociedade predominantemente católica e aceitando mal os judeus.

Um segundo facto: ter reagido com uma atitude de «estrangeiro», com um certo afastamento e diferenciação, sem procurar integrar-se num grupo e defender os direitos que julgasse válidos para esse grupo (direitos de cidadania, de acesso, de integração).

Há também a notar as dificuldades económicas que marcaram uma boa parte da sua vida (especialmente nos primeiros tempos da sua carreira). Creio que o facto dessa mesma situação ser difícil, e não, nem trágica nem folgada, o marcou dum indivi-

(2) Ver o primeiro artigo desta série.

dualismo particular, frequente na burguesia intelectual com escassos proventos.

Frize-se ainda a sua notável inteligência e, muito especialmente, a sua grande capacidade de trabalho (as suas biografias mostram-nos que cada sessão de análise que fazia era seguida de longas horas de estudo e reflexão; aliás se recordarmos a extensão da sua obra escrita, adicionada ao facto de ser um clínico, vivendo da clínica, a sua capacidade de trabalho ressalta bem evidente).

Em suma, tratava-se dum homem muito inteligente e trabalhador que uma situação rárca — e talvez económica — empurrou para uma posição particular: de individualismo e desejo de triunfar. Nele se reuniram ainda particularidades culturais específicas: uma tradição hebraica — o «Povo do Livro» como são chamados os judeus — ligado ao estudo da Bíblia, com as suas interpretações de sonhos, os seus episódios de incesto e outros; uma curiosidade literária clássica e contactos com estudos filosóficos. A estes aspectos mais especulativos juntava-se a formação científica no seu sentido mais estrito e metodológico: a experiência de anatomia microscópica e do estudo da Neurologia. Depois os conceitos evolutivos de Darwin. Finalmente a sua situação numa época em que, para além da fachada formal com que a sociedade burguesa se apresentava, se sentiam os movimentos profundos da organização e ascensão das classes populares; numa época em que de dia para dia se tornava consciente que, para além da superfície aparente da sociedade e do indivíduo, se passavam fenómenos que nem sempre se referiam, que eram em muito desconhecidos, mas que possuíam um valor determinante fundamental.

Foi este conjunto de circunstâncias (pessoais e sociais) particulares — e a sua visão genial — que levaram Freud à descoberta da Psicanálise. No entanto quero deixar bem claro — embora possa parecer uma observação sem importância e inoportuna — que

a Psicanálise teria sido descoberta ainda que Freud não tivesse existido; e provavelmente tê-lo-ia sido na mesma época histórica.

Posto isto vejamos: As raízes histórico-sociais da Psicanálise.

IV — A PSICANÁLISE (RAÍZES HISTÓRICO-SOCIAIS DA PSICANÁLISE)

Em síntese e recapitulando, o mundo da cultura ocidental no dobrar e final do século XIX, princípios do século XX, estava profundamente marcado pelo desenvolvimento industrial e pelos conflitos a este ligados; vimos a repercussão que o facto teve nas concepções de Kraepelin. Mas vimos também que os problemas de *relação* eram problemas escaldantes. Por detrás de toda a estrutura social, de unidade aparente, existiam problemas profundos que era difícil — ou parecia difícil ou não conveniente — abordar; a *moral Victoriana*, de conceitos bem definidos, ocultava muitas reacções menos claras; os grandes Estados industrializados e centralizados, continham no seu seio conflitos e lutas intestinas (veja-se as Trade Unions em Inglaterra, a evolução do Partido Social, na Alemanha...); as nações europeias, envolvidas numa complexa diplomacia com aparências de cordialidade, estavam à beira duma guerra onde alguns dos interesses em causa eram inconfessáveis (como, por exemplo, a intenção de fazer novas repartições de mercados e zonas de influência); os grandes *trusts* tinham interesses também nem sempre agradáveis de referir. Como já anteriormente disse, o *problema das relações reais, de fundo*, eram um tabu, que de dia para dia se tornava mais difícil não abordar, oscilando-se entre o «ocultar» ou o «desmascarar». Por outro lado era já impossível compreender os fenómenos sem se aceitar a existência de relações «não manifestas».

Deste modo, algumas das correntes do pensar, pretendiam desligar-se dos conflitos

latentes e chamar a atenção para problemas mais afastados da relação (como a «fenomenologia e o estudo das essências», como disse). Outros cultivam o não compromisso através do culto alienatório da passividade. Transcrevo, a esse respeito, alguns comentários de Arnould Hauser (*Hist. Soc. de Arte de Cult.*): Para este autor o Esteticismo — que ele liga ao impressionismo — tem como critérios típicos a atitude passiva e puramente contemplativa da vida, a transitoriedade e natureza suspeita da experiência, o sensualismo hedonista. Diz Hauser: «A cultura *estética* implica uma forma de vida caracterizada pela inutilidade e pela superfluidade, isto é, a encarnação da resignação e passividade românticas. Mas ela ultrapassa o romantismo» (no grau de renúncia, entenda-se). São termos — os de «natureza suspeita de experiência» e outros — que a psicanálise também vai pôr em causa e, na verdade, Hauser comenta, a certa altura: «os fundamentos teóricos do esteticismo moderno, como filosofia da atitude absolutamente passiva, contemplativa, perante a vida, podem filiar-se em Schopenhauer, que define a arte como a emancipação da escravidão imposta pelo *querer*, o sedativo que reduz ao silêncio os apetites e as paixões». Ora o próprio Freud considera, na sua autobiografia, que há um certo paralelismo entre os pensamentos de Schopenhauer e os da Psicanálise e, na realidade, numa cura analítica deseja-se de certo modo tornar o querer mais maleável permitindo a vinda à superfície, dos impulsos e paixões (no entanto: maleável e não frágil). Também Proust pensava — citando sempre A. Hauser, que considera Proust o último grande hedonista — «que a vida só se torna em realidade significativa através da memória, da visão e da experiência estática. Nós vivemos as nossas experiências com o máximo de intensidade, não quando estamos na presença de homens e coisas na realidade — o «tempo» e o presente destas experiências são sempre «perdidas» — mas quando «revi-

vemos o tempo, quando deixamos de ser os actores para sermos os espectadores da nossa vida, quando criamos ou gozamos obras de arte — por outras palavras: quando recordamos».

Também aqui encontramos já preocupações muito próximas com as da psicanálise: o «tempo», o «tempo perdido», o «reviver»...

Recordo-vos ainda o paralelismo entre certas frases de Nietzsche ao referir a guerra e as de Freud sobre o mesmo tema, onde ambos exprimem a ideia de que a guerra conduz o homem a comportamentos heróicos e de certo modo reabilitantes.

Mas os problemas da época são múltiplos. «Os industriais — diz Hauser — vêem-se forçados a intensificar a procura de produtos aperfeiçoados, recorrendo a meios científicos, e não consentir que se estabeleça a ideia de que o novo se valoriza com o tempo, se querem realmente tirar proveito das realizações da técnica. A substituição constante e rápida de artigos de uso comum por outros novos leva, porém, a uma quebra do preço dos bens materiais...» A técnica moderna introduz assim, na atitude perante a vida, um dinamismo sem precedentes e é exactamente este sentimento de rapidez e de variação que encontra (também) a sua expressão no impressionismo...»; que a psicanálise reflecte e procura resolver, acrescento.

«O homem moderno é levado assim a olhar toda a sua existência como uma luta e uma compita, que transforma tudo o que é em movimento e variação, para quem a experiência do mundo é cada vez mais a experiência do tempo.»

Quero dizer com todas estas observações que:

Por um lado a percepção de fenómenos subjacentes e lutas intestinas, o sentimento de conflitos e relações que não mais se podem ignorar, a percepção da necessidade de afrouxar o querer Victoriano e imperialista, para deixar vir à superfície as emoções, os prazeres e os conflitos (quer sociais como individuais) são fortemente sentidos

na Europa da época. E em Viena muito especialmente, como vimos ao referir as características do Império de Francisco José I e as «ignoradas» lutas internas expressas pelo *krach* de 1873 e as cinco eleições de Lueger!..., etc.

Por outro lado — ao dinamismo com que se vive, imposto de certo modo, opõe-se a necessidade de «parar o tempo», tornando a cura psicanalítica — pela longa duração do tratamento que impõe, perfeitamente indicada, pela valorização de cada instante, consciencializando o indivíduo — logo de entrada — de que a cura é possível se estiver disposto a abandonar *ali*, a corrida dinamicamente neurótica que a vida moderna tende a impor — o que constitui um dos aspectos infra-estruturais de, simultaneamente, a aceitação e oposição que a cura analítica vai encontrar.

A época está, portanto, preocupada com os problemas ocultos, os problemas de fundo, e as correntes filosóficas e psicológicas, compreensivelmente, vão orientar-se num sentido ou de «ocultar» ou de «desmascarar». Não admira pois que, como diz Hauser, «a psicologia que determina a orientação do conceito de vida no dobrar do século (seja) uma psicologia de «desmascaramento»; e a Psicanálise, acrescento, é uma psicologia de desmascaramento, por excelência.

Na realidade tanto Freud como Nietzsche partem da «suposição de que a vida manifesta do espírito — ou seja, o que os homens sabem ou julgam saber acerca dos móveis do seu comportamento — não passa muitas vezes duma dissimulação e distorção dos verdadeiros motivos dos seus sentimentos e acções». Enquanto Nietzsche liga o processo a uma decadência da humanidade, Freud interpreta o fenómeno desta auto-ilusão «por meio da análise psicológica individual, e estabelece que o inconsciente existe por detrás da consciência humana, e que todo o pensar consciente é apenas o traje mais ou menos transparente, que mascara os instintos, os quais formam o con-

teúdo do inconsciente» (sic., Hauser, *obra citada*).

Há em toda a teoria e prática psicanalítica uma intenção bem patente de «desmascarar» o que está por detrás da máscara aparente das condutas formais (sem no entanto negar às condutas manifestas aquilo que existe de válido nelas) tal como em certas correntes do pensar da época — filosóficas, literárias, artísticas em geral) — havia uma preocupação de «desmascarar» o que estava por debaixo das supra-estruturas criadas pelo movimento industrial, sem no entanto recusarem os aspectos positivos destas mesmas supra-estruturas. Somente enquanto a maioria das concepções se colocam numa perspectiva eminentemente social e de massas, Freud situa-se num plano mais individual.

Como atrás fiz notar, Freud sente-se um estrangeiro em Viena, um membro — como diz algures na sua biografia — da oposição, diferenciado da massa compacta; ele não está activamente ligado nem aos grupos dominantes de Viena nem aqueles que — como Lueger e outros — procuram acesso à direcção política, à superfície social. Muito provavelmente por isso mesmo a Psicanálise freudiana é nitidamente individual; mesmo na sua estruturação inicial é a evolução da libido e não a relação Eu ↔ objecto, que mais a preocupam; também, provavelmente por essa mesma razão, a Psicanálise de Freud se torna muito incompleta quando se debruça sobre a sociologia.

Isso não obsta a que, ao mesmo tempo, exista em toda a Psicanálise a mesma preocupação com o dinamismo, com os movimentos e interacções entre os fenómenos claramente manifestos e os fenómenos latentes, existente numa boa parte das correntes conceptuais da época (Nietzsche, Marx...).

Em suma: Se é o processo histórico do indivíduo, o que a Psicanálise se propõe esclarecer, fá-lo não obstante de forma dialéctica entre latente e manifesto tal como

outras teorias especulativas o fazem no nível social.

Como diz Hauser: «Seja o que for que Nietzsche e Freud sabiam e pensavam de Marx, ao desenvolverem as suas teorias, seguiam nas suas revelações a mesma técnica de análise que fora pela primeira vez usada no materialismo histórico. Marx insiste também em que a consciência humana é deformada e corrompida e que vê o mundo de um ângulo falso. O conceito de «racionalização» em Psicanálise, corresponde exactamente ao que Marx e Engels entendem por formação ideológica e «falsa consciência». Engels e Jones definem os dois conceitos no mesmo sentido» (sic).

E ainda: «O princípio fundamental da nova técnica de análise era a suspeita de que, por detrás de todo o mundo aparente se esconde um mundo latente, por detrás de todo o consciente um inconsciente, e por detrás de toda a uniformidade aparente, um conflito» (sic).

Há pois um paralelismo entre Freud, Nietzsche e Marx — o de todos terem a intenção de porem em relevo, «desmascarar» conflitos subjacentes.

E isso não se devia ao facto de qualquer deles conhecer a posição teórica do outro mas tão somente a que «a ideia da técnica de desmascaramento do pensamento e da psicologia da revelação fazia parte da herança do século e Nietzsche não está tanto na dependência de Marx, nem Freud na de Nietzsche, como todos eles o estão (sim) na da atmosfera geral de crise que caracteriza toda a época» (Hauser). Para Hauser estas posições conceptuais eram «a expressão de um estado de espírito em que o mundo do Ocidente perdera a sua crença exuberante em si próprio»; pessoalmente eu prefiro dizer, talvez, estas posições conceptuais eram a expressão «da perda da crença que a burguesia europeia tivera de poder superar a luta de classes». «Freud — diz ainda Hauser — atribui esta inquietação, este sentimento de um equilíbrio instável e precário,

ao golpe que tinha sido infligido à vida dos instintos, especialmente aos impulsos eróticos, deixando, assim, de considerar duma maneira absoluta, a falta do êxito social e da influência política». Esta opinião, quanto a mim é, no entanto, fortemente discutível.

Creio que todos estes comentários — se bem que alguns mereçam reservas — permitem tornar bem evidentes e compreensíveis as origens histórico-sociais da psicanálise, tema deste estudo.

Muitas são as críticas feitas à Psicanálise. A maioria delas — desculpem-me a sinceridade que pode parecer imodéstia — não tem nenhuma validade e revelam apenas dificuldades emocionais compreensíveis dada a matéria em causa ou simples ignorância e/ou má fé.

As críticas de maior crédito são, a meu ver, aquelas que abordam a pouca importância que Freud — e a Psicanálise em geral — deu aos aspectos sociais. Hauser exprime-o nos seguintes termos: «Freud é incapaz de tomar em conta os factores sociológicos na vida espiritual do homem⁽³⁾, e ainda que consiga discernir no super-ego o representante judicativo da sociedade, nega que os acontecimentos sociais possam provocar mudanças essenciais na nova estrutura biológica e instintiva.» Pessoalmente penso que é exactamente aqui a falha das concepções psicanalíticas: a escassa importância dada — ao nível das massas e no plano individual — aos factores económicos e sociais, e muito especificamente o facto de negar — ou não destacar —, a possibilidade daqueles factores poderem provocar mudanças radicais na estrutura biológica e instintiva do Homem. E isto não obstante

(³) Quando se diz que Freud «é incapaz de tomar em conta aspectos sociológicos da vida espiritual do homem...», penso que se afirma algo de profundamente errado: o que Freud não foi capaz foi de lhes dar a devida importância; embora os tenha entrevisto, apontado e referido não foi capaz de os aprofundar. o que é diferente.

Freud comentar algures: «A voz da inteligência é uma voz suave mas não descansa enquanto não a ouvem» (Freud, *O Futuro duma Ilusão*).

Tal não retira à Psicanálise o seu valor operacional e efectivo como arma terapêutica e instrumento de compreensão psicológica. Significa, sim, que a Psicanálise tem

de se sujeitar — e está-se sujeitando, como qualquer outra ciência — a revisões e mesmo reestruturações que talvez introduzam conceitos novos no seu edifício.

É mesmo esse um dos aspectos — e outros existem — que reflecte o movimento grupo-analítico, cujas origens históricas vou agora abordar.

3.º Estudo — A Grupo-Análise; tentativas de localização histórica (sumária) da Grupo-Análise

Por tudo quanto já vos disse creio que toda a dinâmica que tenho vindo a expor está bem compreendida, o que me vai permitir abordar o tema das origens histórico-sociais da Grupo-Análise de forma esquemática, deixando a cada um de vós o cuidado de aprofundar posteriormente os detalhes, sem que com isso a compreensão do processo fique adulterada.

Agora recordo apenas que:

No início desta exposição disse-vos que considerava, no Período Contemporâneo da História da Psiquiatria, três correntes fundamentais, designando a primeira delas como a *Inter-Relação*.

Por tal quero significar que o processo evolutivo do Industrialismo trouxe a agudização dos problemas de relação, intensificando a dinâmica da vida moderna e contemporânea, fez ressaltar a importância dos grupos e das intra e inter-relações destes; em poucas palavras, tornou bem claro que «qualquer coisa» se define sempre em relação a um ou mais outros «qualquer coisa». Os processos adquiriram — com o advento do industrialismo — uma dinâmica tal e tão viva que a inter-acção das coisas se tornou um fenómeno bem claro e patente, como frizei ao sintetizar as origens histórico-sociais da Psicanálise.

O homem deixou de ser definido como um «aquilo que é» algo especulativo para

ser compreendido como «aquilo que está em relação».

Deste modo as ciências em geral — e as do espírito em particular e de forma mais evidente — transformaram-se em ciências do movimento, em ciências da relação dinâmica e da relatividade.

A Fenomenologia tornou-se existencial com Heidegger, nela se acentuando a relação do Eu com o Outro; as filosofias, duma maneira genérica tornaram-se dialécticas ou de relação.

O fenómeno fez-se igualmente nos estudos psiquiátricos:

A Fenomenologia Existencial — como já disse.

O Pavlovismo — tão centrado já na relação, com a sua ideia de que o espírito humano é o resultado do reflectir do mundo objectivo por uma matéria viva altamente organizada — lança-se cada vez mais no aprofundar das interacções: interacção entre o homem e o mundo objectivo exterior, quer ele seja natural ou social; interacção do organismo humano consigo mesmo (como se encontra em toda a concepção de patologia cortico-visceral), etc.

A Psicanálise — de início dominantemente preocupada com os impulsos, com as etapas evolutivas da libido — renasce, definitivamente aferrada ao estudo da relação dialogante libido \leftrightarrow objecto; toda a Psi-

canálise moderna está sobretudo voltada para a compreensão do sistema dinâmico Eu ↔ objecto libidinal; é, talvez, a forma dinâmica de como se estrutura a relação objectal, o que principalmente preocupa os psicanalistas de hoje.

A par e passo de todos estes movimentos que tenho vindo a descrever, os grupos populares mais baixos melhoraram o seu nível económico, cultural e de poder, passando a ser considerados como valores positivos a atender, no seio das sociedades modernas e, também por isso mesmo, a importância da relação adquiriu uma perspectiva particular: a da relação social e de grupo.

Sumariamente: a época de Freud, no mundo de cultura ocidental, era pressionada por lutas intestinas que não mais se podiam ignorar, o que se manifestava no pensamento teórico de então por uma necessidade de averiguar «o que está latente por debaixo dos conteúdos manifestos», preocupação que é bem evidente na psicologia psicanalítica, enquanto que a nossa sociedade de hoje — consciencializada da importância dos movimentos de grupo e da situação social dos indivíduos — está não só interessada no conhecimento «daquilo que está latente em relação àquilo que é manifesto», mas também, pressionada, de modo insofismável, pela necessidade de saber como os homens se agrupam, se socializam, com o porquê dos agrupamentos humanos e seu modo de intra e inter-relação; preocupações estas que estão bem patentes na Grupo-Análise.

Deste modo e nas condições de movimento social que venho expondo, era forçoso que a Psicanálise se voltasse, de forma mais clara, para o estudo dos grupos e, sendo acima de tudo uma terapêutica, se propusesse curar indivíduos naquilo que havia de viciado nas suas relações com os grupos. Mas a Psicanálise sempre teve, desde os seus primórdios, um cunho clínico-experimental, elaborando-se a partir da prática clínica quotidiana. Sendo assim — levada pelo desejo de abordar as relações intra-grupo e marcada pela tradição experimental — a

mentalidade psicanalítica não podia conformar-se com a ideia de aprender tipos de relação através do estudo binómio analisando-analista, para depois tentar aplicá-las, de forma teórica, a um grupo; o natural era que acontecesse o que está acontecendo: que, aproveitando os conhecimentos adquiridos numa relação de binómio, se tentasse estruturar uma teoria nascida da prática clínica com grupos e da experiência pessoal vivida em grupos terapêuticos (daí a necessidade absoluta da Grupo-Análise pessoal em grupo terapêutico e a vantagem nítida do complemento duma psicanálise individual didáctica).

É exactamente nestes termos que se estão dando os primeiros passos para a estruturação duma teoria propriamente grupo-analítica, ainda nascente, e não meramente psicanalítica aplicada a grupos.

Por isso mesmo — e a meu ver — a Grupo-Análise que desponta hoje deve ser considerada — do ponto de vista da evolução histórico-social — como a herdeira da Psicanálise teórica e terapêutica; herdeira e não simples derivativo, pois ela procura uma estrutura teórica própria, ainda em construção, que assenta em princípios emanados da prática com grupos e em grupo, entre os quais os princípios psicanalíticos têm a quota-parte mais importante.

De qualquer forma resta saber se o movimento grupo-analítico — como movimento nascente que é — tem as bases necessárias para criar uma autonomia suficiente, ou se acabará por ser absorvido por outros movimentos psiquiátricos igualmente preocupados com o significado social da doença mental, o que não impede que a importância da sua contribuição esteja definitivamente assente.

São estas, resumidamente as origens histórico-sociais da Grupo-Análise; e também a preocupação, eminentemente social, de tratar um maior número de seres, mas tratá-los em grupo, habitat natural do homem, além do problema da economia capitalista do «custo monetário».



INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRISTOL

DIPLOMA DE ESTUDOS AVANÇADOS EM PSICOLOGIA EDUCACIONAL

(Nível idêntico ao do grau de Master of Education
das Universidades inglesas)

■ DURAÇÃO

De Janeiro de 1982 a Junho de 1983

■ DISCIPLINAS

— Psicologia do Desenvolvimento — Psicologia da Aprendizagem e do Ensino — Psicologia Social da Educação — Psicologia de Crianças com Necessidades Educativas Especiais e Métodos de Investigação

NOTA — Prevêm-se cursos de reciclagem de Inglês e Estatística a partir de Novembro.

■ CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO

- Diplomados pelo ISPA ou possuidores de diploma de licenciatura
- Como todas as disciplinas serão leccionadas por professores ingleses, é indispensável um conhecimento adequado da língua inglesa.

■ DIRECÇÃO DE CURSO

W. P. ROBINSON (Director da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Bristol e da respectiva **Division of Advanced Studies**)

FREDERICO PEREIRA (professor no ISPA)

■ CANDIDATURAS

- Pré-inscrição de 20 de Setembro a 30 de Outubro
- Máximo de 30 inscrições, seleccionadas a partir de análise curricular

Informações:

ISPA — AV. MARQUÊS DE TOMAR, 33, 4.º ESQ. — 1000 LISBOA
TELEFONES: 76 09 51 / 76 05 52